

Poesia

A graça da Fatalidade

Luiz Marcos da Silva Filho

Professor de Filosofia da PUC-SP

lmarcosfilho@gmail.com

Poema filosófico em forma de decassílabos heróicos rimados (no Exórdio e no Epílogo) e não rimados (nas demais seções), com narração e problematização de uma subjetivação, em diálogo primordialmente com algumas filosofias contemporâneas e com uma atualização e leitura de Agostinho com Lacan.

Exórdio

Batalhinhas em mares interiores
para aprender com tudo o que corrói,
experimento, canto e ensaio os rumores
da subjetividade dos heróis.

À procura de lutas a travar,
atravessei as hordas da loucura,
encontrei todavia para avançar
só razão a caminho da cultura.

Liquidados os fundos pensamentos
da linguagem, da lógica e da ciência,
desmoronaram todos fundamentos
dos ruidosos recintos da consciência.

Eis a contradição sem realidade:
Pensar para perder a humanidade.

Desominização

Sou o que não quero ser nem nunca fui,
pois em mim o Ser nunca se instalou.
Se estou em vir a ser, quem penso que sou
nunca fui nem serei nem poderei
cristalizar-me em Ser. Pensar-me a mim
mesmo só como fluxo exige plena
destituição de mim mesmo e destruir
a dura rigidez do Ser nas vezes
em que eu disser a mim que eu sou ser real.
Se não guardo uma essência em meu interior,
o que desconstruirei em minha vida?
A consciência, linguagem, lei moral,
todas instituições e toda história
enraizadas em mim como instrumentos
abortivos de gozos inconscientes
para castrar inéditos possíveis,
experiências e fluxos transbordantes.
Eis o que ensaiarei aqui fazer:
experimentar várias inconstâncias
e mutabilidades como ação
despersonalizante de mim mesmo.
Deparo com gigante interdição:
a memória, potência em minha mente
tão interiorizada que a imagino
natureza puríssima e anterior
como estrutura funda e imemorial
em toda humanidade desde Adão.
Formada por camadas e camadas
de lembranças conscientes e inconscientes,
tão vagarosamente constituída
durante trajetória tateante
da multimilenar espécie humana,
toda potente guarda conteúdos
de setenta mil anos decadentes
de falsa evolução ou involução.
Também é não obstante estruturante
do mundo apreendido pela mente
ao imprimir permanente formação
ao fluxo sem desenho temporal,
mascarando-o linear e constituindo
movimento passado em direção
ao futuro ilusório nada denso

de ser e condenado a aparecer
em falsa gestação dentro da mente.
Libertar-se de mim pede a questão:
como a inteira consciência desconstruir?
Pela desconstrução do Eu em mim.
Por que aqui ensaiar morte do Ego?
Para experimentar toda expressão
de uma vida de pura volição,
sem a fria mediação da reflexão.
Tudo denominamos ilusória
e fixamente pelo que não é.
Pedras e vegetais e também belos
animais conceituamos à extinção.
Procedemos assim com toda a vida,
igualmente conosco por sequente.
Uma árvore é desejo e puro
devir atravessada por devires
outros em dinamismo inconsciente.
Só há devir, só há mudança, forças múltiplas
e tensões casualmente diferentes.
Se a metáfora a nós pode ajudar,
o dinamismo é o próprio amor
realizado, pois entre os entes há
relação sexual sem opacidade
quando não subsumidos pelo olhar
do sujeito consciente e reflexivo.
O amalgamento erótico-orgasmático
é não desejo fálico de falta,
mas desejo de excesso e diferença.
Entretanto fracasso em minha empresa,
em minha tentativa de expansão,
exteriorização, associação
e nadificação transformadora
do ser humano em coisa não humana.
Certo daimon ou voz moral consciente
diz enxergar somente dois possíveis:
toda aniquilação de mim ou bem
a assunção do exercício como tal:
vão gozo refletido e refutado.

Deslibidinização

I

Experimentar múltiplos possíveis,
desejo sem o risco de afastar
os Acontecimentos que transformam
a natureza e a história para além
desta dicotomia mui desgastada
que estrema transcendência da imanência.
Daí obra tão cogente de voltar
para o Éden perdido pela ação
dos órgãos genitais pela paixão
da libido movida sem razão
para tudo gozar sem reflexão.
Com tudo a excitação libidinosa
deu início à cisão entre natura
e cultura perversa com a morte
fixação das pulsões desorientadas.
Oh todo forte e falho cristianismo!
Que mito portentoso e desastroso
aos instintos, pulsões libidinosas
tão naturais e tão cândidas como
a maior ferocidade do animal.
Ao expulsar do paraíso as cidadãs
legítimas e íntegras do real,
anunciaste programa racional
de mor interdição das afeições.
Tomo a peito porém restituir
ampla cidadania delas em mim.
Para tão nobre ação, armas e guerra
declaro contra a vã mente ou consciência,
a subjetividade e a intelecção.
Em efeito, só há dor onde houver
a consciência, memória e reflexão.
A angústia é o querer querendo ser
não querer ou querendo ser aquilo
que não poderá nem nunca será:
querer paralisado em gozo imóvel.
Enquanto não nascer o além do humano,
liberto do princípio e do juízo
da não-contradição, em seu semblante
as lágrimas serão significantes
da discursividade de interditos.
Mas que sou sem discurso e julgamento?

Ou ficção ou bem real dissolução!
O ensaio de um novo humano não cultiva
a sociabilidade, nem saúde,
moderação ou ordem, mas a perda
de si num fluxo sem cessar por outros
fluxos atravessado por combates.
Por que louvar o *pólemos*? Por ser
combate-entre, diverso do combate-
contra que quer a vã dominação
e mascarar o puro vir a ser
do *pólemos* que estima engrandecer
e adensar o devir sem procurar
a vitória triunfal paralisante.
Confundem-se devir e infinitude,
múltiplos e aleatórios fluxos livres
e criadores de inéditas moções.
Por que as coisas não intuímos bem assim?
Ora, tudo fixamos em noções
e conceitos gerais puros e abstratos.
Ao estremar mundo e homem, instituímos
o humanismo mortal que exterminou
quem outrora nós fomos quando não
havia discurso ou logos interior.
O homem de si consciente guarda poucos
séculos de existência, foi vivente
na maior parte da vida sem discurso,
nem reflexão, nem língua abstrata, nem
angústia subjetiva ou desespero.
O ensaio é percorrer em direção
ao lugar sem lugar donde o homem nunca
deveria ter saído a castrar
a tão livre pulsão que circulava.
Trata-se de buscar a diluição
de todas estruturas do sujeito,
refletidas e não téticas para
ele da humanidade se livrar.
Como procederemos? O exercício
será desorientar a trajetória
arbitrária do curso ao interior,
mas bem inversamente o itinerário
seguirá do interior para o exterior,
curso exteriorizante até o éxtimo.
Irei o homem em mim minar por dentro,
Implosão da consciência à não ciência,
transmutando o que sou em dinamismo

de intuições e pulsões não mais do homem,
mas que sucedem nisso a que esse nome
gélido designado diminui,
abstrai, conceitualiza e paralisa.

II

Pensemos num amálgama de fluxos
cujo nome, im-próprio, é *Kakós*
ou Caco, existente fragmentário
sem vestígios humanos, sem memória
reflexiva, consciência ou interior.
Sua beatitude não cônica, de culpa
e angústia toda livre, não à toa
maldita semífera ou temeroso
monstro aos deuses e humanos detestável.
Vivia numa caverna clandestina,
chão de sangue perene em erupção,
sem remorsos e cruel, tão solitário
afastava qualquer comunidade
com corpo informe e gozos expelidos
em torvelinhos ígneos por suas três
glandes originadas de Vulcão.
Devorar e matar, sua nutrição.
Soubesse o herói hercúleo que *Kakós*
ofertava ocasião de combate-entre,
não de um combate-contra, um *Kakércules*
na Antiguidade grega nasceria.
Mas refém do si mesmo e sem instinto,
calculou glória e honra; vencedor
imortal e sagrado interditou
devir-monstro *Kakós* puro e inocente.
A grave falta foi não compreender
primado do inconsciente no *Kakós*.
O que supomos como nossa *dýnamis*,
é não nossa, mas livre e contingente
dinâmica do mundo com o qual
em plena desavença nós estamos.
Quando ousamos tomar posse do que
nosso nunca será nem virá a ser,
bloqueamos e instalamos no interior,
produzido a um só tempo, as pulsões
antes soltas e livres circulantes
entre múltiplos fluxos inconscientes,
devires que se encontram em conflito

em uma *sympathia* de desencontros;
lá, todos pensamentos limitantes
e ilusórios de posse são ausentes.

III

No paraíso, Adão e Eva gozavam?
Segundo a narrativa agostiniana,
não, porquanto a libido não havia
ainda tido emergência no interior
do ser humano íntegro, são, sem
as fraturas anímicas da contra
vontade que bagunça a ordenação
da criatura pensante no universo.
Lá, Adão desejava não tocar
Eva com seu órgão só funcional.
Se tivesse podido procriar,
seria por relação não tão distante,
mas também não tão próxima, de forma
que o falo racional agiria por
arbitrio da vontade, não por contra
vontade pulsional. Sem a ruptura
do hímen vaginal, sem penetrar,
depositaria Adão as seminais
razões hereditárias no regaço
cândido feminino em castidade.
Não havia relação sexual em meio
as criaturas, mas Deus autorizava
a fruição de seu Ser, por conseqüente
havia entre Deus e homens relação
sexual! Por qual motivo fazer sexo
com o Criador o homem desleixou?
Por ter ousado ser Um junto a Deus,
por soberba e apetite desertou
do natural princípio a que ele estava
orientado, querendo transmutar-se
nele para não mais dele fruir,
mas gozar em si mesmo. Agostinho
assim dá sugestão da original
falta constitutiva da pulsão.
Agostinho avistou sem Lacan que
não há sexo porque justo onde mais
quer encontrar o gozo é não em outrem,
porém no próprio Eu e no seu duplo.
Sem relação sexual, nem relação

em geral, sacro liame originário
dos relacionamentos vários foi
rompido com o Ser. Então o homem
condenado a não mais alcançar gozo
no Outro sofre a queda em condição
em que o querer não mais pode o que quer,
assim como não pode amar senão
como Narciso amou. Eis o erotismo
de Agostinho segundo o qual o amor
doravante precisa declinar
do gozo para a falta conseguir
driblar em direção à sociedade
transcendente de santa castração.
A falta original também produz
a equívoca linguagem decorrente
de Babel. Adão antes atribuía
significantes, nomes e sinais
às essências, às coisas em si mesmas,
porquanto contemplava a inteligência
divina em que subjazem as ideias
modelos com que Deus criou *ex nihilo*.
A contradição real originária
interdita o discurso e o julgamento.
Eis o papel do artigo de fé para
Agostinho tratar com o discurso
a contradição real pelo contraste
entre o que a realidade é e o que
ela deveria ser, segundo o mito.
A ontologia celeste descartada,
a exegese do *factum* aberrante
anuncia que a passada da certeza
de si para o supremo Ser por meio
das fundações do *cogito* conduz
não para a transcendência, porém à
própria imanência donde não se pode
fugir por ser o único lugar
real, mortal e fatal que outrossim nos
fornece as condições possíveis para
a transcendência ser elaborada,
a partir de abstração vazia da mente.
A reflexão só a si pode guiar,
como infinita volta para si:
“a aventura da dívida sem fim
impagável portanto à medida
que ela mesma se torna” imaginária,

conforme diz Deleuze em seu livreto
"Para dar fim ao juízo", de maneira
que a fruição do supremo Ser é não
mais que gozo de si mesmo, também
arrastando-nos à conclusão nada
nova mas renovada de que não
há relação sexual, nem relação
em geral, a não ser do si consigo.
"O *amuro*" que em mim há sou eu em mim!

Ode à Pulsão

I

O desejo de si tematizado
institui um órgão fálico que anseia
acobertar a falta do sujeito,
retenção da pulsão interditando
sua circulação livre de limites.
Ao criar para si corpo com órgãos,
o sujeito passou a aspirar pela
dívida, extinção do original
querer de ultrapassar a borda e ir
aonde se encontra o núcleo do planeta
Terra com infinitos paradoxos
donde provém a vida transbordante
de excessos das pulsões mais inconscientes.
A gênese do Ego bloqueia a livre
circulação de instintos ao ousar doar
sentido ao não sentido das pulsões.
Não mais há relação sexual com corpo
destacado de fluxos produtores
dos Acontecimentos estrangeiros
à subjetividade reflexiva.
O que reflete? Eu, narcisamente!
Como de corpo sem órgãos mudamos
para um corpo com órgãos funcionais?
Secundando o discurso de Rousseau,
todavia como Nietzsche projetando
aquém o além do Homem puro corpo,
distante do paraíso agostiniano,
supomos que se víssemos a vida
há setenta mil anos antes dores,
encontraríamos não homem, mas corpo
sem órgãos como pura contingência,
tempo em que não havia instituições,
nem a linguagem, nem a propriedade,
nem castração alguma das pulsões
produtoras do mundo sem sujeitos.
De lá pra cá, perdemos a intuição
por meio da construção da reflexão.
A hipótese de Nietzsche é que lá
em princípio um estímulo dos nervos
é transposto em imagem! Surge a prima
metáfora, então em som moldada,

metáfora segunda, daí por diante
longo processo sem fim cada vez
mais interior e fundo até lugares
e dimensões a tal ponto distantes
da sensibilidade e do concreto
que as noções e os conceitos abstraídos
não mais guardam qualquer traço da coisa
realmente originária, entretanto
uma harmonia essencial supomos entre
a coisa e a abstração inteligível,
ao passo que o processo foi arbitrário
e literariamente constituído
por meio da atribuição à sensação
nervosa de metáforas e imagens.
Ademais, a memória reflexiva
detém e diminui como uma âncora
o poder da vontade ao reanimar
o passado retendo o dinamismo
intrínseco ao devir para o porvir.
Daí a dissolução da faculdade
da memória, o órgão voltado para
o passado já morto e que não é.
Não obstante, começo a vislumbrar
a positividade da memória
se orientada não pela reflexão,
não pelo raciocínio discursivo,
mas pelas sensações e as intuições
antepredicativas e inconscientes
por pulsões moduladas e lançadas.
Em um corpo sem órgãos há somente
intuição sem qualquer intelecção.
Entre uma e outra não há esquematismo?
Apenas se houver cego dogmatismo,
harmonia pressuposta *entre* mundo
em si e as faculdades subjetivas,
havendo uma doação de não se sabe
o que à intuição tornando o dado
condicionado pelas estruturas
da subjetividade ou divindade,
como se desse *entre* fosse certa
a dedução de alguma adequação
do fundado com seu vão fundamento.
Oh humanismo! de todo ingênuo e trágico,
há tempos o homem não mais está fixo
no centro do universo, porém move-se

para todo e nenhum lugar intensa
e desregradamente como fluxos
de multiplicidades inconscientes,
símile aos luzeiros astronômicos.
Em um corpo sem órgãos, a intuição
é multiplicidade de pulsões
sem unificação da apercepção,
estímulos nervosos incontidos.
Doravante o discurso contém só
metáforas do jogo do devir.

II

A subjetividade recusada,
descobre-se possíveis *relações*
sexuais como combates-entre fluxos.
Se podemos dizer que tudo é
Vontade, recaímos no roteiro
transcendental de novo concebendo-a
como uma condição das *relações*?
Não em absoluto, pois mais uma vez
Deleuze, ao ler Nietzsche, nos explica
que a Vontade é princípio não mais amplo
do que o condicionado, nem *a priori*,
porque de modo plástico se mescla,
se metamorfoseia, se determina
com o condicionado outrossim se
condicionando e se determinando,
como “princípio móvel imanente”,
que se funda algum campo impessoal, pré-
individual, é não uma consciência
constituída por sínteses capazes
de unificar os dados apreendidos,
porquanto aqui não há nem indivíduo,
nem pessoa, nem sujeito, nem razão,
mas exclusivamente intensidades
inconscientes e nômades não humanas.
Finalmente do juízo e da razão,
libertou-se a intuição? Ora, se não
mais há uma realidade traduzida
em representação, indiferenças
e indeterminações transbordam vívidas
como relações não tematizadas.
De camelo, ensaiei tornar-me leão,
de leão, uma criança como novo

começo, inocente jogo, como
roda a girar por si mesma vibrando
um sagrado e potente Sim ao acaso.
Fracassei como ponte para o além,
estou mais para leão do que criança,
mas amadureci para distante
da embriaguez, desvario, da destruição
sem contra-efetuação criativa após
a efetuação devinda pela Arte
da poesia ou ainda música às quais
ao menos consegui realizar bela
travessia finalmente descoberta
como um plano imanente que reúne
as possibilidades de retorno
a um estado intuitivo originário
de sensibilidade pura e sem
a contaminação da reflexão.
Sóbrio, lúcido e mais calmo, há muito
cansei só ser filósofo, tornei-me
mais poeta com a escuta perceptiva
do que com a abstração comprometido,
mais atento aos afetos e perceptos
do que ao discurso ou logos apofântico.
Com a Arte, a imanência ascende para
além da transcendência racional.
Que a pura contingência me conceda
cultivar e apreciar a nobre Arte,
revestido de sua perenidade
devinda como autêntica expressão
plástica do sublime e da beleza.
Desocultei-me como fluxo poético!

Vontade de Arte

Quem pensa em mim? Não eu, mas a Pulsão!
Não sou eu quem a tem em mim, mas só
existe e insiste em mim Pulsão, Desejo.
Reedição da vontade como *noumenon*?
Reflexão e intuição, então que são?
Não representações da coisa em si,
mas as modulações nos animais
das pulsões, forma única de ser
delas aquém ou além da divisão
do mundo em dualidades entre ser
e aparecer, verdade e falsidade,
noumenon e fenômeno ou quaisquer.
A perdição da vida se dá quando
reflexão e intuição são estremadas,
com aquela sem lastro nesta aqui.
A contragosto caímos na mais pura
crítica filosófica germânica?
Não em absoluto, pois consideramos
só existir pulsões plásticas devidas.
No lugar do deserto da verdade,
inventamos a Arte como instinto
de vida e estado estético criativo
para o aniquilamento do princípio
de vã individuação, sem embriaguez.
Este lugar agora é distinto
daquele de onde o Eu refletia antes,
quando eu precipitava numa orgiástica
e vulgar adesão irracional
a uma desconstrução sem construção.
De lá, decorreria falta de estima
à Vida como Arte e sim encômio
ao inimigo do artista, o perverso,
amante do interdito das pulsões
ao buscar sempre o mesmo, ser imóvel
da fantasia da cena originária
como cristal passado sem futuro,
sem devir, sem dinâmica e possíveis.
Contra a mitologia irracional,
estimo doravante um classicismo
a deter a explosão bárbara sem
ordem de uma alma caótica e indomável.
Esta alma desconhece o que é Arte,

recursos e talentos desperdiça,
não canaliza forças à criação
sublime de imprimir à vida nobre
perspectiva ou uma Arte de viver,
um estilo elevado que transmuta
nosso ser laborioso em pulsão pura.
Assim cada atitude e pensamento,
sentimento e palavra são criação
de um estilo alcançado com ardor
e estrita disciplina no combate
pela dissolução do ego e feitura
de multiplicidades de papéis
de que ninguém consegue se furtar.
A práxis de assumir máscaras é
a única cogente realidade
incondicionalmente universal,
fantasmalogia como criação
das relações humanas e sociais,
de todos os lugares e papéis
os quais desempenhamos, com os quais
e pelos quais e para os quais formamos
o mundo e instituições e a vida humana.
A criação de um estilo é recriação
de toda humanidade em mim e em nós.
Não se trata do mundo como teia,
de deus-aranha ou espírito absoluto,
a partir de idealismo radical.
O mundo não gravita em torno d'Eu,
mas da pluralidade entre conscientes,
inconscientes, os seres inorgânicos
e orgânicos, de todos reinos, classes.
Melhor delimitamos as pulsões,
em si neutros que adquirem suas valências
conforme a orientação ou direção,
tornando-se pulsões de vida ou morte,
aquelas consagrando a relação;
estas glorificando a destruição;
umas, natalidade; outras, morte;
umas com fim na vida, não no Ego.
Perspectivas e estilos decorrentes
delas são fundadores de culturas
e civilizações imensuráveis.
O sentido de tudo isso é simples,
trata-se de orientar nossas performances
constituintes do mundo e do cosmo

pelo e para o amor puro como único
poderio resistente à barbárie.

Écloga à Luminidade

I

O quanto ainda recaio em faltas, erros,
autocontradição performativa
de meu grande projeto de intuição,
guardo alguma consciência ao refletir
no assunto em pauta aqui. Deter-me-ei
em cultivar perceptos extasiantes
em meio à natureza onde encontrei-me
como no seio de minha mãe de amor
puramente sentido, nada sendo
às altas altitudes refletido.

Visitei uma cachoeira na região
mais éxtima de minhas sensações,
lá na luminidade onde por pouco
não desapareci. Dentro da Serra,
emudeci ao ver o que jamais
considerarei ainda existente:

a natureza virgem e intocada!
Desvelamento mor que qualquer sarça
inflamada por deus ou serafim,
quem isso avista não se escusa à
conversão ao sensível inaudito.

Oh natureza, desde então estou
em ti e em mim estás. As relações
que guardamos diferem do comércio
daqueles que a ti vão com o propósito
de humanizar qualquer feliz devir.

A mim, o grato acaso concedeu
trazer um belo índio para tudo
lá me mostrar em plena ação devinda.

Inicia-se jornada pelos veios
originais da vida natural.

Revelou para mim não só os fluxos
sublunares, já que fomos à Lua
e de lá avistamos explosões
cósmicas inconscientes com potência
para criar os errantes siderais.

De volta para a Terra, fui levado
à região consistente subterrena,
em direção ao núcleo ou ao caroço
supostamente quente que via gélido
pelas lentes geológicas da mente.

Agora todavia descobria fátuo
território de eventos casuísticos.
De lá em cavalgada galopante,
acompanhados por bandos, matilhas
e enxames, através de tempestades,
névoas e campos sem fim, alcançamos
os picos everestes para ver
o panorama caótico do mundo!
Entre tantas e múltiplas opções,
transmutei a mim em fluxo cachoeira,
espontâneo e puríssimo devir,
em inocência límpida jorrando
estrondosas torrentes pulsionais
sem as paralisantes mediações
da hominídia razão. Os desencontros,
assim como os encontros eventuais,
entre raios solares, vegetais,
rochas, os animais, insetos, fungos,
bactérias mui criativas são gestantes
e prenhes de acidentes inconscientes.
Lá, Acontecimentos vêm a ser
encontros de pulsões e forças loucas
circulantes do Sol àqui e daqui
ao Sol transfigurado no planeta
Terra-Solar-Lunar não mais humano,
porquanto nunca fora senão como
vazia intelecção. Para a ciência,
a poesia serve pouco, porém à
libertação de afetos, em demasia.
Quando todos libertos circulantes,
ainda a poesia triunfal tem emergência
como constelação mimetizando
não os gêneros ideais, mas o vivíssimo
jogo ou lance de dados eventuais.

II

Em dorsal sentimento sem distinta
percepção do que é corpo meu sem
a água quedante súbita e fatal,
diamantes atravessam minha pele,
dor e sangue, saltei rápido fora
do plano de imanência de meus gozos,
sujeito restituído dou-me conta
de que o fino preenchia toda atmosfera,

cena de guerra e a terra estremecendo,
arrancado meu braço pelo amigo
índio corríamos para território
exterior à caverna que vinha abaixo,
fraturas, fundos cortes, visão turva,
estampido no ouvido, vagamente
a consciência ilustrava o acontecido
que interdito prazer irrefletido.
PEDREIRA! Havia sido dinamite
belicosa e ilegal em luta contra
o inocente devir da natureza.
Fundação do humanismo cidadão,
devastação do virgem bucolismo.
Difícil conter ódio tempestuoso,
volição de voltar o destrutivo
poder bélico deles a eles mesmos,
recaída reflexiva que reitera
os valores humanos terríveis,
autocontradição dos terroristas!
Contudo não há como resistir
somente com o intuir sem a razão
discursiva fundante do direito.
A civilização de modo urgente
deve estender direitos aos sencientes,
deveres para com os não sencientes.
Se esta longa jornada algo abraçou:
o princípio e o fim são bem na intuição.
Então reafirmo vácuo a reflexão
se com fim em si mesma, não obstante
se com fim na intuição, vasta potência
ela conquista para a liberdade!

Epílogo

I

Em busca de explicar o nascimento,
liquidamos o gosto evanescente.
Em busca de conter a mortandade,
afastamos o tato do existente.
Em recusa ao odor da quintessência,
produzimos os signos racionais.
Em recusa à vista do acidente,
silenciamos os gritos naturais.
Aspirando então tudo obscurecer,
em agonia matamos intuições.
Mascarando com tudo o padecer,
em sintonia louvamos reflexões.
Oh vã intelecção, tanto labor
para tua tradição pesar com dor.

II

Ninguém pode furtar-se do legado
de ser humano por em si conter
longa história do maior reino animado
constituente de nosso vir a ser.
Cuidar do testamento natural
é transmitir a honra e a dignidade
de estimar nossa origem animal,
para guardar alguma eticidade.
Embora não culpados, responsáveis
somos pelas catástrofes e ruínas,
inéditas no mundo das variáveis,
ao termos produzido graves sinas.
A tarefa cogente da Cultura
é edificar-se sem ruir a Natura.

III

Da Poesia, carece nossa vida,
a sociedade, o mundo e nossa história,
a despeito dos poetas em recaída
de amor à boa peleja sem vitória.
O poeta ou lutador não guarda as Letras
unicamente como sua Bela-Arte,
mas cultiva jardins de violetas
no esgoto como belo baluarte.
Sua obra-prima é a plena existência,
não este ou aquele escrito de expediente,
porém as afeições de resistência
ao feio e à barbárie tão latente.
No versejar autêntico do poeta,
manifesta-se a vida de um asceta!